

## Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos

*Maria Alice Tavares (UFRN)\**  
*Raquel Meister Ko. Freitag (UFS)\*\**

**Resumo:** Neste artigo, adotando uma perspectiva funcionalista, abordamos a influência dos traços semântico-pragmáticos verbais sobre o uso dos conectores coordenativos E, AÍ, DAÍ e ENTÃO e sobre o uso do passado imperfeito no português brasileiro. Utilizamos uma amostra da fala de Florianópolis pertencente ao Banco de Dados VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul). Como resultados principais, apontamos que o controle estatístico dos traços semântico-pragmáticos verbais trouxe importantes indícios acerca dos processos de gramaticalização dos fenômenos linguísticos em foco.

**Palavras-chave:** traços semântico-pragmáticos; conectores; passado imperfeito

### Introdução

O controle dos *traços semântico-pragmáticos do verbo* tem se mostrado influente em fenômenos de gramaticalização em domínios funcionais complexos<sup>1</sup>, pois é um bom indicativo da natureza dos traços semântico-pragmáticos da oração como um todo. Por exemplo, a presença de verbos com traços de alta atividade implica que a informação apresentada em forma de oração está organizada com

---

\* Professora do Departamento de Letras

\*\*Professora do Departamento de Letras

<sup>1</sup> Domínio funcional é o escopo de atuação de uma dada função desempenhada por uma (ou mais) dada forma em uma dada língua. O termo 'domínio funcional' foi postulado por Givón (1984), e costuma ser evocado frequentemente em estudos funcionalistas da língua. Tempo, aspecto, modalidade, caso, referência, passivização, detransitivização, impessoalização, etc., são macrodomínios – área funcionais mais gerais da gramática da língua – enquanto o tempo futuro, o modo subjuntivo, o sujeito, o tópico, a dêixis, a anáfora, etc. – áreas mais estritas – são microdomínios. A complexidade dos domínios funcionais decorre do fato de as fronteiras entre cada um dos subcomponentes nem sempre serem claras e precisas, impossibilitando a dissociação, na prática, de um componente do outro. São exemplos de domínios funcionais complexos a coordenação entre orações (TAVARES, 2003) e o passado imperfeito (FREITAG, 2007).

base em tais traços: provavelmente possui um sujeito engajado intencionalmente em alguma atividade, a qual possivelmente exige movimentação corporal; se houver um objeto, ele tenderá a sofrer a ação realizada pelo sujeito, etc. Os verbos do canto oposto da escala, despidos de traços de atividade, implicam que a informação é apresentada em uma oração com sujeito não intencional, ou mesmo em uma oração impessoal, não havendo indicação de movimentação corporal.

Os tipos de verbos podem ser relacionados às nuances de significado *concreta*, *abstrata* e *genérica*, e, assim, servir de indício para o mapeamento de diferentes graus de gramaticalização, uma vez que itens linguísticos mais gramaticalizados tendem a manifestar significados mais abstratos e/ou genéricos e itens menos gramaticalizados tendem a manifestar significados mais concretos, ligados ao mundo físico.

Quanto maior o traço de atividade do verbo, mais ele sinalizará nuances concretas, referindo-se a ações físicas sobre o mundo exterior, isto é, o mundo das experiências básicas e intencionais. À medida que vai descendo os degraus da escala de atividade, mais o verbo expressa nuances abstratas/genéricas, perdendo pouco a pouco os elos com o mundo concreto e com a ação física intencional sobre esse mundo, chegando à expressão de operações cognitivas que não codificam ação física, mas sim mental. Por sua vez, os verbos que ocupam a ponta final da escala de atividade são bastante generalizados, pouco carregando de significado em si e servindo basicamente como elo de ligação para seus complementos. Relacionam-se, portanto, a nuances genéricas.

Neste estudo, pretendemos relacionar diferentes traços semântico-pragmáticos verbais à gramaticalização dos conectores coordenativos E, AÍ DAÍ e ENTÃO (TAVARES, 2003), e à gramaticalização da expressão do passado imperfectivo (FREITAG, 2007), uma vez que temos por hipótese que tais traços podem influenciar tendências de distribuição de formas pertencentes a domínios funcionais complexos de natureza bastante distinta, como é o caso dos domínios aqui considerados, o passado imperfectivo e a coordenação entre orações.

## Propostas de controle dos traços do verbo

A correlação entre os traços semântico-pragmáticos do verbo e a ocorrência de formas verbais tem mostrado resultados interessantes na análise de fenômenos de expressão variável. Na oposição entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito, Campos, Rodrigues e Galembeck (1993, p. 60-61) constatam que a recorrência de pretérito imperfeito está associada a um tipo semântico de verbo específico. Os autores propõem uma classificação sintático-semântica, inspirada na semântica de casos, que relaciona o valor semântico dos verbos com seus argumentos:

– *Ação*. Verbo com o traço semântico de atividade relacionado a um argumento com o papel de agente: *Viajei a São Paulo*; *A moça falou palavras de amor*; *O rapaz bebeu a cerveja*.

– *Processo*. Acontecimento/evento com um argumento afetado: *O gato morreu*; *A onça cheirava a alho*.

– *Ação/processo*. Além do traço de atividade, tem um argumento afetado: *Já tricotei o pulôver*; *A empregada feriu o gato*.

– *Estado*. Expressa condição ou estado, acompanhado por um argumento inativo, que não é agente, nem paciente, nem causativo, ou por um experienciador. *Fábio tem três filhos*; *A viúva permanece triste*; *Maria gosta de Pedro*.

O gráfico 1 apresenta a distribuição dos dados em função da classificação dos tipos semânticos dos verbos.

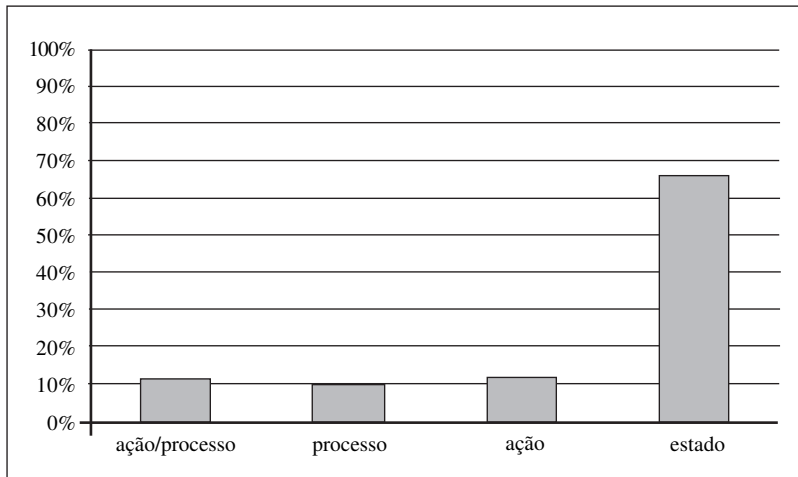


Gráfico 1: Distribuição de pretérito imperfeito quanto ao tipo sintático-semântico de verbo (CAMPOS; RODRIGUES; GALEMBECK, 1993, p.62)

Com relação aos tipos de verbos, os resultados de Campos, Rodrigues e Galembeck (1993) apontam que a recorrência de pretérito imperfeito está associada a verbos estativos. Das 171 ocorrências de pretérito imperfeito, 66% são de verbos de estado, em contraponto aos 34% dos demais tipos de verbo (ação, ação/processo e processo). Na classificação proposta por Campos, Rodrigues e Galembeck (*op. cit.*) para o tipo de verbo, o rótulo ‘estado’ recobre uma gama distinta de tipos, como verbos de posse e verbos existenciais.

Outra proposta de controle do tipo semântico do verbo é a de Scheibman (2000), que adapta a proposta de Halliday (1994). Vejamos no quadro 1.

Tipo de verbo	Descrição	Exemplo
Cognição	Atividade cognitiva	Saber, pensar, lembrar, decorar
Corporal	Gestos e interações corporais	Comer, beber, dormir, fumar
Existencial	Existência, acontecimento	Ser, estar, ter, acontecer
Sentimento	Emoção, desejo	Querer, desejar, sentir, necessitar
Material	Feitos e acontecimentos, concretos, abstratos	Fazer, ir, ensinar, trabalhar, usar, brincar
Percepção	Percepção, atenção	Olhar, ver, ouvir, encontrar
Possessivo/relacional	Posse ( $x$ tem/possui $y$ )	Ter, possuir
Relacional	Processo de ser ( $x$ é $y$ )	Ser, ser como, tornar-se
Verbal	<i>Dicendi</i>	Dizer, falar, perguntar

Quadro 1: Classificação do tipo semântico do verbo (SHEIBMAN, 2000, p. 67)

A proposta de categorização de Scheibman não prevê hierarquização de tipos verbais. Em relação à proposta de Schlesinger (1995), Scheibman (*op. cit.*) distingue verbos de *sentimento* (relacionados à emoção e desejo), que na proposta de Schlesinger (1995) são considerados verbos de experimentação mental (na mesma categoria de *lembrar, entender*). A categorização de Scheibman (*op. cit.*) prevê as categorias que Tavares (2003) acrescentou à proposta de Schlesinger (1995): *possessivo/relacional*, que abarca as relações de posse, e *verbal*, que recobre os verbos *dicendi*.

Schlesinger (1995, p. 181) organiza hierarquicamente os verbos de acordo com os traços semântico-pragmáticos que manifestam - em especial, *o grau de atividade* que indicam -, baseando-se na proposta de classificação feita por Quirk *et al.* (1972), que distinguem sete tipos, também considerando o grau de atividade manifestado por cada um: *atividade, momentâneo, evento transitório, processo, cognição e percepção inerte, relacional, sensação corporal*. Schlesinger modifica tal classificação, subdividindo três das categorias, além de acrescentar mais uma:

- verbos de *atividade* dão origem a verbos de *atividade específica* e a verbos de *atividade difusa*, que, ao contrário dos primeiros, não evocam uma imagem relativamente específica;

- verbos de *evento transitório* também recebem uma subdivisão que, a exemplo dos verbos supracitados, revela graduação e contínuo quanto ao traço *atividade*: (i) verbos de *eventos transitórios intencionais*, os quais ressaltam a relação entre um sujeito e um lugar, indicando se o sujeito permaneceu em certo lugar; (ii) verbos de *eventos transitórios não intencionais*, os quais se referem a ações não intencionais;
- verbos de *cognição* e *percepção inerte* desmembram-se em: (i) verbos de *estímulo mental*: o sujeito da oração é o estímulo da experiência mental de outrem (*João agrada as crianças*, *João assusta as crianças*, *João aborrece as crianças*); (ii) verbos de *experimentação mental*: o sujeito da oração é que é o experienciador (*João pensa*, *João odeia*, *João deseja*).
- a categoria *instância*, que abarca os verbos que indicam posição corporal estática, também é incluída na escala de tipos verbais tramada de acordo com um crescendo dos traços de atividades.

A ordenação resultante destaca uma propriedade que distingue os tipos de verbos entre si – a atividade: as classes mais altas da lista são as referentes aos verbos cujo *sujeito* pode ser dito engajado em uma atividade, e as classes mais baixas são as de verbos que indicam pouca atividade. Assim, quanto mais alta a posição do verbo na escala, maior a atividade envolvida e, como contraparte, quanto mais baixo está situado o verbo, menor o grau de atividade que pode ser atribuído ao sujeito.

Schlesinger aplicou sua hierarquia verbal em testes psicolinguísticos, obtendo fortes evidências acerca do caráter contínuo e difuso do traço de atividade manifestado pelos diferentes tipos de verbo: os julgamentos feitos pelos indivíduos testados não foram dicotômicos e sim baseados em proporções de aceitabilidade graduais.

Tavares (2003) estabeleceu mais duas subdivisões nas classes propostas por Schlesinger e acrescentou ainda dois tipos de verbos, estes apresentando nulo o traço *atividade*:

- foram distinguidos, dos verbos de *atividade específica*, os verbos *dicendi*, que precedem a citação ou discurso direto e são bastante recorrentes;
- foram distinguidos, dos verbos de *experimentação mental*, com os quais poderiam ser confundidos, os verbos de *atenuação*, como *achar* e *pensar*, que revelam um distanciamento por parte do falante em relação àquilo que diz ou uma suavização de sua opinião a respeito de certo tema (*eu acho que isso é verdade*, ao invés de *isso é verdade*, por exemplo). Tais verbos parecem envolver um grau ainda menor de atividade que os de *experimentação mental*, relacionando-se mais ao modo de dizer do que propriamente ao que é dito;
- foram adicionados, no final da hierarquia, os verbos de *existência* e os verbos de *estado*, desprovidos de traços de atividade.

O resultado final foi a seguinte escala com quinze traços verbais elencados de acordo com o critério de atividade decrescente (quadro 2).

1. Momentâneo => refere-se à atividade repentina, de curta duração: saltar, chutar, bater, derrubar, golpear, quebrar (intencional)
2. Atividade específica => evoca uma imagem específica escrever, jogar, beber, desenhar, nadar, andar, sorrir
3. Dicendi => precede a citação ou discurso direto dizer, falar, responder, ordenar, perguntar
4. Atividade difusa => não evoca uma imagem específica aposentar-se, trabalhar, aprender, mendigar, estudar
5. Instância => posição corporal estática deitar(-se), recostar(-se), sentar(-se), pousar (-se), reclinar(-se)
6. Estímulo mental => o sujeito da oração é o estímulo da experiência mental de outrem impressionar, agradecer, surpreender, assustar, espantar, aborrecer
7. Evento transitório intencional => indica se o sujeito permanece em certo lugar permanecer, residir, situar, estar (em um lugar)
8. Evento transitório não intencional => refere-se a ações não intencionais morrer, cair, desmaiar, adormecer, acordar, quebrar (não intencional)
9. Processo => mudança não intencional sofrida por um corpo (mais ou menos animado) deteriorar, crescer, amadurecer, transformar, ferver, congelar
10. Experimentação mental => o sujeito da oração é o experienciador odiar, desejar, pensar, lembrar, entender
11. Atenuação => distanciamento ou suavização da opinião, achar, pensar
12. Relacional => representa relações assinaladas pelos homens em seu processo de percepção da realidade: identidade, analogia, comparação, posse, causa, finalidade, consequência, etc depender de, merecer, precisar; servir como, assemelhar-se, causar, igualar, ter (posse), determinar, faltar (algo), errar, resultar de/em, relacionar-se com, custar
13. Sensação corporal => sensação física, machucar-se, doer, ferir, sentir, sofrer
14. Existência => ter, haver, existir
15. Estado => ser, estar, parecer, ter (olhos azuis)

**Quadro 2:** Escala dos traços semântico-pragmáticos verbais<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Embora pautada na distinção entre os traços verbais listados no quadro 1, a análise levou em conta informações contextuais capazes de contribuir com o traço de atividade manifestado pelo verbo (por exemplo, dependendo da situação, verbos utilizados geralmente em referência à *atividade* difusa podem aparecer como ligados à *atividade específica*).

Assim como Schlesinger (*op. cit.*, p. 181), Tavares (2003) não levou em conta verbos *modais* (*poder, dever, etc.*) e verbos *auxiliares* (*ser, estar*). Nesses casos, apenas o verbo principal foi controlado quanto ao traço semântico. Dessa maneira, temos, por exemplo, *posso dizer = dicendi, estava cantando = atividade específica*.

A categorização de Schlesinger (1995) é constituída em função do grau de atividade envolvida na situação, do maior ao menor. Tavares (2003) correlacionou a categorização de Schlesinger (*op. cit.*) às nuances de atividade *concreta, abstrata* e *genérica*: quanto mais atividade envolvida, mais nuança concreta; à medida que a atividade decresce, mais nuança abstrata; a ausência de atividade (verbos estativos e existenciais) está relacionada à nuança genérica.

### O caso dos conectores coordenativos E, AÍ DAÍ e ENTÃO

O que estaria subjacente às preferências manifestadas por E, AÍ DAÍ e ENTÃO em termos de contextos de maior e menor atividade (aqui mensurados tomando-se por base o verbo)? O princípio da persistência, pelo qual as formas gramaticalizadas conservariam, em suas novas funções, traços semântico-pragmáticos pertinentes a funções desempenhadas antes do processo de extensão funcional ou desempenhadas em etapas anteriores do referido processo. Supondo que E, AÍ DAÍ e ENTÃO tenham de fato preservado vínculos com suas origens, é possível levantar a hipótese de que contextos que apresentam traços similares ou compatíveis com os usos originais de um dos conectores tenderiam a atraí-lo com mais intensidade que aos demais. A presença de um conector relacionado historicamente a certo tipo de traço auxiliaria a compor e a reforçar o quadro semântico-pragmático da oração como um todo: conectores mais “ativos” apareceriam com mais frequência como marcas da introdução de orações com verbos “ativos” e conectores menos “ativos” recorreriam mais como sinalizadores da introdução de orações com verbos de menor atividade.

Mas quais são os conectores mais ligados à codificação da atividade? Nossas hipóteses são que: (i) *e* marcaria preferencialmente a presença de *traços genéricos* -- a simples soma de informações é uma nuança vinculada à forma em questão ao longo de sua história; (ii) *aí* e *então* assinalariam prioritariamente *traços concretos*, ligados às noções espaço-temporais que lhes serviram de fonte para o processo de migração que desembocou na coordenação de orações; (iii) *daí* exibiria especialmente *traços abstratos*, por conta da função através da qual adentrou na coordenação: o uso híbrido entre anáfora discursiva e introdução de efeito (para exemplos dos usos fontes de cada conector, conferir Tavares (2003)).

Os tipos de verbos organizados hierarquicamente no quadro 2 podem ser relacionados às nuanças *concreta*, *abstrata* e *genérica*, e, destarte, aos conectores que mais comumente são utilizados como marcas dessas nuanças:

- Os tipos de verbo que ocupam a posição mais alta na escala de atividade são *momentâneo*, *atividade específica* e *dicendi*. Esses verbos referem-se a ações físicas intencionais executadas com o corpo, envolvendo um ser físico que age no mundo, movendo-se.
- A taxa de atividade que transparece quando os verbos de *atividade difusa* e de *instância* são utilizados é menor que a que transparece quando são utilizados os verbos listados acima. Os verbos de *atividade difusa* envolvem ainda, a exemplo dos verbos de *atividade específica*, ações físicas intencionais executadas com o corpo, mas de um modo menos circunscrito (comparem-se, por exemplo, o verbo de *atividade difusa* ‘trabalhar’ com o verbo de *atividade específica* ‘digitar’), evidenciando um grau menor de movimento físico no mundo. Os verbos de *instância* são os de posição corporal estática, que indicam ação no sentido de mudança ou preservação intencional da posição física ocupada no mundo.
- Os verbos *transitório intencional*, *transitório não-intencional* e *processo* organizam-se em uma escala que vai da perda de movimento e fixidez em um lugar do mundo, mas manutenção da intencionalidade (o traço *transitório intencional*), à perda não apenas da mobilidade mas também da intencionalidade, levando a cabo ações não intencionais ou mesmo passando a sofrer a ação de processos físicos (os traços *evento transitório não-intencional* e *processo*, respectivamente).
- Os verbos de *experimentação mental*, *atenuação* e *relacional* referem-se a operações cognitivas complexas. Verbos de *experimentação mental* são os que codificam as atividades mentais experimentadas, intencionalmente ou não, pelos seres humanos (*refletir*, *amar*). Verbos de *atenuação* estão ligados à relação do falante com seu discurso, suavizando a própria opinião acerca de fatos. Verbos *relacionais* representam relações complexas assinaladas pelos homens em seu processo de percepção da realidade, tais quais comparação, posse, finalidade, consequência. Esses tipos de traços verbais podem ser mais ou menos intencionais, mas não codificam nenhum tipo de ação física concreta no mundo: seu escopo de ação é a organização das relações mentais, do discurso humano e das relações através das quais o homem torna o mundo apreensível à mente.
- Finalmente, os verbos de *existência* e de *estado* não evidenciam traços de atividade. De acordo com Schlesinger (1995, p. 115), esses verbos são os mais generalizados, pouco significando além de interligação entre nacos do discurso (mais especificamente, entre sintagmas constituintes da oração da qual o verbo faz parte). Transmitem informação principalmente em conjunção com seus complementos, e quase nada quando isolados.

Não é difícil perceber a manifestação das nuanças *concreta*, *abstrata* e *genérica* pelos diferentes tipos de traços verbais:



• Quanto maior o traço de atividade do verbo, mais ele sinalizará nuanças concretas, referindo-se a ações físicas sobre o mundo exterior, isto é, o mundo das experiências básicas e intencionais. Assim, esperamos uma maior frequência do *aí* e do *então*, provindos de fontes de natureza concreta espaço-temporais, nos contextos de uso de verbos *momentâneo*, *atividade específica* e *dicendi*.

• À medida que vai descendo os degraus da escala de atividade, mais o verbo expressa nuanças abstratas, perdendo pouco a pouco os elos com o mundo concreto e com a ação física intencional sobre esse mundo, chegando até à expressão de operações cognitivas que não codificam ação física, mas sim mental. Em tais contextos, o *daí*, oriundo de usos mais abstratos, deve se encaixar com maior desenvoltura que os demais conectores.

• Os verbos de *existência* e *estado*, que ocupam a ponta final da escala de atividade, são bastante generalizados, pouco carregando de significado em si e servindo basicamente como ligação para seus complementos. Relacionam-se, portanto, a nuanças genéricas e, por tabela, à utilização do *e*.

Vejam, na tabela 1, os resultados estatísticos obtidos através do uso do pacote estatístico VARBRUL:

	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Momentâneo	66/160	41	0,43	53/160	33	<b>0,58</b>	25/160	16	0,50	16/160	10	0,49
Atividade esp.	505/1.278	40	0,46	302/1.278	24	<b>0,63</b>	340/1.278	27	<b>0,53</b>	131/1.278	10	0,44
Dicendi	77/288	27	0,40	113/288	39	<b>0,57</b>	66/288	23	<b>0,55</b>	32/288	11	0,49
Atividade dif.	116/295	39	0,50	63/295	21	0,47	71/295	24	<b>0,53</b>	45/295	15	<b>0,57</b>
Instância	38/110	35	0,48	20/110	18	0,45	32/110	29	<b>0,60</b>	20/110	18	<b>0,62</b>
E. tr. intenc.	52/137	38	0,52	40/137	29	0,51	33/137	24	0,51	12/137	09	0,41
E. tr. não int.	89/194	46	<b>0,60</b>	45/194	23	0,51	47/194	24	0,51	13/194	07	0,31
Processo	70/147	48	<b>0,56</b>	32/147	22	0,50	23/147	16	0,52	22/147	15	0,45
Exper. Mental	207/491	42	0,52	89/491	18	0,48	90/491	18	0,44	105/491	21	<b>0,56</b>
Atenuação	23/57	40	0,44	03/57	05	0,47	04/57	07	0,40	27/57	47	<b>0,75</b>
Relacional	139/411	34	0,44	81/411	20	0,45	77/411	19	0,46	114/411	28	<b>0,63</b>
Existência	131/231	57	<b>0,60</b>	23/231	10	0,40	35/231	15	0,50	42/231	18	0,51
Estado	277/501	55	<b>0,60</b>	62/501	12	0,38	47/501	09	0,44	115/501	23	0,46
<b>TOTAL</b>	1.790/4.300	42		926/4.300	22		890/4.300	21		694/4.300	16	

Tabela 1: Influência dos traços semântico-pragmáticos verbais sobre o uso de *E*, *AÍ*, *DAÍ* e *ENTÃO*

As hipóteses postuladas para o *e* encontram sustentação nos resultados fornecidos pela tabela 1. Os melhores contextos para o uso desse conector são aqueles em que estão presentes verbos de *existência* e de *estado*, os mais genéricos; ou verbos *transitório não intencional* e de *processo*, ligados à ação física não intencional e manifestando um grau relativamente baixo de atividade, em comparação com os verbos de posição superior na escala. As nuances *atividade difusa*, *evento transitório intencional* e *experimentação mental* parecem dizer, com seu índice neutro, que não são um empecilho para que o *e* dê o ar de sua graça. As maiores restrições ficam por conta dos três verbos de maior atividade e dos verbos mais complexos, *experimentação mental*, *atenuação* e *relacional*. Portanto, a persistência parece estar subjacente às correlações entre o *e* e os traços verbais da oração que possui por escopo.

Os resultados esperados se confirmam também para o *ai*. É em contextos de verbos com nuances indicadoras de grande atividade - *momentâneo*, *atividade específica* e *dicendi* - que se concentra o conector sob enfoque. Os tipos de traços verbais que mais o inibem são os ligados à generalização: *existência* e *estado*. Os demais traços tendem a lhe favorecer ou a lhe serem neutros. Assim como para o *e*, a persistência parece estar subjacente às influências exercidas pelos traços verbais sobre o aparecimento do *ai*.

*Daí* inclina-se em direção aos traços de *atividade específica*, *dicendi*, *atividade difusa* e *instância*. Aproxima-se, desse modo, do *ai* quanto ao favorecimento de uso nos dois primeiros traços e do *então* quanto ao favorecimento de uso nos dois últimos. Como o *daí* predomina em contextos de traços variando entre graus altos e médios de atividade, as hipóteses feitas em referência a esse conector não foram confirmadas.

Os traços verbais *atenuação*, *relacional* e *experimentação mental* não disfarçam sua predileção pelo *então*, manifestada em forma de frequências (de 21 a 47%) e de pesos relativos de respeito (de 0,56 a 0,75). O item também é fortemente condicionado pelos traços de *atividade difusa* e *instância*. Os traços verbais ligados aos contextos em que o *então* deveria ser mais frequente, de acordo com a hipótese baseada no princípio da persistência, são *momentâneo*, *atividade específica* e *dicendi*. Entretanto, esses traços apresentam atuação neutra relativamente ao conector em causa. Por conseguinte, temos aqui um indício de que esse conector seguiu um percurso de abstração e/ou generalização crescente, deixando pelo caminho os resquícios de seus usos fontes.

## O caso do passado imperfeito

O passado imperfeito refere-se a um tempo verbal que é passado e que se configura em andamento em relação ao seu ponto de referência passado. No português, duas formas podem expressar este valor: o morfema de pretérito imperfeito do indicativo (IMP) e a forma perifrástica formada pelo auxiliar *estar* + gerúndio (PPROG), como em “*Maria estava estudando enquanto João dormia*” vs. “*Maria estudava enquanto João estava dormindo*”. Um dos traços que contribui para a determinação da forma de expressão de passado imperfeito, se IMP ou se PPROG, é o traço semântico-discursivo do verbo. Como se trata de um domínio que interage com a categoria aspecto, o contínuo do traço semântico-pragmático do verbo de Tavares (2003) – *concreto* > *abstrato* > *genérico* – pode ser correlacionado ao dinamismo das situações: [+ *dinâmico*] > [- *dinâmico*]: quanto mais atividade envolvida, mais nuance concreta; à medida que a atividade decresce, mais nuance abstrata/complexa; a ausência de atividade (verbos estativos e existenciais) está relacionada à nuance genérica. A dinamicidade (BERTINETTO, 2001) é uma propriedade caracterizada a partir da observação do desenvolvimento interno: em uma categorização discreta, à sua ausência atribui-se o traço [-*dinâmico*], e à sua presença, [+ *dinâmico*]. Porém, como estamos tratando de um contínuo, a distribuição das categorias no contínuo do dinamismo é escalar e decrescente, do mais ao menos *dinâmico*, mas a distribuição não é discreta; ou seja, verbos momentâneos necessariamente não têm mais dinamismo do que verbos específicos (pois estes podem ser altamente *dinâmicos*), mas necessariamente verbos específicos têm mais dinamismo do que verbos existenciais, localizando-se esses dois traços bastante distantes entre si na escala. A distribuição das frequências do traço semântico-pragmático do verbo é um fator explanatório adicional para evidenciar a importância do traço [dinamismo] na variação entre IMP e PPROG na expressão do passado imperfeito.

O quadro 3 apresenta a classificação adotada para o traço semântico-pragmático do verbo na expressão do passado imperfeito. Como em Tavares (2003, p. 232), foram consideradas as entradas lexicais dos verbos; caso um verbo seja polissêmico, tem suas entradas consideradas independentemente (como *ter* posse e *ter* existencial). Correlacionando o dinamismo com a classificação do traço semântico-pragmático, a escala obtida reflete o contínuo de Tavares da concretude à genericidade.

Momentâneo	Atividade repentina, instantânea <i>Saltar, chutar, bater, derrubar, quebrar (intencional)</i>	[+ dinâmico]	
Específico	Evoca uma imagem específica <i>Escrever, beber, desenhar, correr</i>	↑	
Difuso	Não evoca uma atividade específica <i>Trabalhar, aprender, estudar</i>		
Instância	Posição corporal estática <i>Deitar, sentar, reclinar</i>		
Estímulo mental	Sujeito da oração é o estímulo da experiência mental de outrem <i>Impressionar, agradar, surpreender, assustar, espantar, lembrar (x lembrou y)</i>		
Transição/processo	Mudança de estado determinada pelo sujeito da oração <i>Chegar, partir, parar</i>		
Verbal	<i>Dicendí</i> (introduz o discurso) <i>Dizer, falar, perguntar, responder</i>		
Manipulativo	Sujeito da ação manipula paciente <i>Mandar, fazer com que</i>		
Volicional	Sujeito da oração expressa emoção ou desejo <i>Querer, desejar, sentir</i>		
Experimentação mental	Sujeito da oração é o "experenciador mental" <i>Lembrar-se (x lembrou(-se) de telefonar), entender, pensar</i>		
Relacional	Expressa relações estabelecidas no processo humano de percepção da realidade: identidade, analogia, comparação <i>Depender de, merecer, precisar, servir como, assemelhar-se, parecer, ser, ser como, tornar-se</i>		
Existência	<i>Ter, haver, existir</i>		[- dinâmico]

Quadro 3: Proposta de controle do traço semântico-discursivo do verbo para a expressão do passado imperfeito

Vejamos, então, a distribuição de frequência dos dados de IMP e PPROG para a expressão do passado imperfeito, em função do traço semântico-pragmático de verbo, a fim de analisarmos como o traço [dinamismo] se comporta em termos da escala proposta no quadro 3. A tabela 2 apresenta os resultados para o traço semântico-pragmático do verbo, com IMP como valor de aplicação. Foram realizadas três análises estatísticas: uma análise geral, com todos os dados; uma análise considerando apenas a subfunção de valor aspectual durativo para o passado imperfeito;<sup>3</sup> e, por fim, uma análise mais restrita, considerando o valor aspectual durativo em pares mínimos (contexto idêntico – mesmo item lexical – em que duas ou mais formas podem ocorrer, ou seja, contextos em que as formas têm o mesmo significado referencial). A ordenação dos fatores obedece ao critério da frequência.

<sup>3</sup> O passado imperfeito recobre uma gama de valores, que vão do habitual ao progressivo, passando pelo durativo. O aspecto habitual recobre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões, presente, passado, ou ambos. A habitualidade pode, ainda, se desdobrar em aspecto iterativo e frequentativo. O aspecto iterativo codifica uma situação que é repetida em uma ocasião específica. Este tipo de aspecto tem restrições lexicais. Já o aspecto frequentativo abarca o sentido habitual, mas especifica a frequência da ação durante o período de tempo. Uma situação que manifesta aspecto durativo, seja dinâmica ou estática, caracteriza-se por estar em andamento em relação ao ponto de referência. Já o progressivo codifica uma situação em andamento em relação ao ponto de referência em predicados dinâmicos.

A ocorrência de verbos momentâneos com aspecto durativo gera uma célula vazia, o que explica a ausência do fator nas duas últimas análises. A distribuição irregular das ocorrências não permite generalizações seguras sobre os efeitos do traço semântico-pragmático do verbo, mas alguns resultados são salientes. Verbais, específicos e transitivos/processuais são os tipos semântico-pragmáticos de verbo que mais concentram ocorrências de PPROG; relacionais, instanciais, volicionais e existenciais são os verbos que mais concentram ocorrências de IMP. Quanto ao IMP, a distribuição dos resultados para os verbos com menos dinamismo (relacionais, instanciais, volicionais e existenciais) é regular e gradual, nas três análises, como pode ser observado no gráfico 2, corroborando, em linhas gerais, a escala proposta no quadro 3. Para PPROG, a distribuição é irregular, embora os tipos de verbo que concentram as ocorrências possam ser considerados com mais dinamismo.

Tabela 2: Distribuição do traço semântico-pragmático do verbo em função de IMP.

	%	Apl./total
Análise geral		
<i>Específico</i>	38,4	58/151
<i>Verbal</i>	39,8	33/83
<i>Transição/processo</i>	46,7	49/105
<i>Estímulo mental</i>	57,1	28/49
<i>Manipulativo</i>	57,1	16/28
<i>Experimentação mental</i>	67,7	67/99
<i>Difuso</i>	70,6	72/102
<i>Instância</i>	82,5	65/79
<i>Volicional</i>	82,5	66/80
<i>Relacional</i>	83,3	45/54
<i>Existência</i>	88,6	31/35
<i>Momentâneo</i>	94,1	16/17
	61,9	542/882
Aspecto durativo		
<i>Verbal</i>	21,6	11/51
<i>Específico</i>	27,3	18/66
<i>Transição/processo</i>	37,5	18/48
<i>Manipulativo</i>	47,1	8/17
<i>Estímulo mental</i>	60,5	23/38
<i>Experimentação mental</i>	66,7	64/96
<i>Difuso</i>	69,9	51/73
<i>Instância</i>	82,2	60/73
<i>Volicional</i>	84,0	63/75
<i>Relacional</i>	84,3	43/51
<i>Existência</i>	89,3	25/28
	62,3	384/616
Aspecto durativo em pares mínimos		
<i>Verbal</i>	20,8	10/48
<i>Específico</i>	34,1	14/41
<i>Transição/processo</i>	40,0	16/40
<i>Estímulo mental</i>	45,0	9/20
<i>Manipulativo</i>	66,7	4/6
<i>Difuso</i>	71,6	48/67
<i>Experimentação mental</i>	74,0	57/65
<i>Relacional</i>	82,1	32/39
<i>Instância</i>	83,1	54/65
<i>Volicional</i>	83,3	55/66
<i>Existência</i>	88,5	23/26
	65,1	322/495

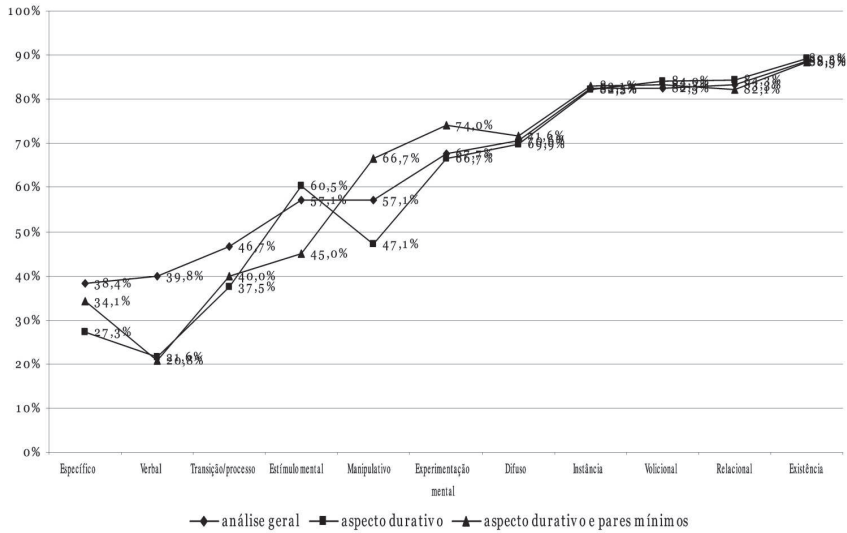


Gráfico 2: Distribuição das frequências de IMP quanto ao traço semântico-pragmático do verbo

Cotejada ao tipo de aspecto imperfeito, a distribuição das ocorrências aponta para a correlação entre o tipo semântico-pragmático do verbo e a forma de expressão, conforme os dados da tabela 3.

	Progressivo		Durativo		Iterativo		Ambíguo	
<i>Verbal</i>	0/1	0%	11/51	22%	2/3	67%	20/28	71%
<i>Específico</i>	3/18	14%	18/66	27%	11/15	73%	26/49	53%
<i>Transição/processo</i>	7/28	25%	17/47	36%	16/19	84%	9/11	82%
<i>Manipulativo</i>	***	***	8/17	47%	3/3	100%	5/8	62%
<i>Experimentação mental</i>	0/3	0%	23/38	61%	0/1	0%	5/7	71%
<i>Estímulo mental</i>	***	***	64/96	67%	1/1	100%	2/2	100%
<i>Difuso</i>	1/3	33%	51/73	70%	8/8	100%	12/18	67%
<i>Instância</i>	1/2	50%	60/73	82%	***	***	4/4	100%
<i>Volicional</i>	***	***	63/75	84%	1/2	50%	2/3	67%
<i>Relacional</i>	0/1	0%	43/51	84%	1/1	100%	1/1	100%
<i>Existência</i>	***	***	25/28	89%	2/3	67%	4/4	100%
<i>Momentâneo</i>	***	***	1/1	100%	14/15	100%	1/1	100%

Tabela 3: Distribuição da variante IMP com cruzamento das variáveis tipo de aspecto imperfeito e tipo semântico-cognitivo do verbo

Quanto ao aspecto progressivo, a forma PPROG é predominante com verbos específicos, de transição/processo, difusos e instâncias, ou seja, verbos que podem ser considerados como [+ dinâmicos]. Já a forma IMP somente ocorre com verbos de transição/processo e específicos, ainda que contabilize apenas 10 ocorrências, quando expressa passado imperfeito progressivo.

Na expressão de aspecto durativo, aspecto que mais contabiliza ocorrências, a forma PPROG predomina com verbos de atividade verbal, específicos, transição/processo e manipulativos; e IMP, com verbos de instância, volicionais, relacionais e existenciais. Com o aspecto durativo, o papel do dinamismo fica indefinido, pois verbos manipulativos têm menos dinamismo do que específicos e transicionais/processuais, e verbos de instância têm mais dinamismo do que volicionais, relacionais e existenciais, não permitindo a associação direta entre [- dinâmico] e IMP, e [+ dinâmico] e PPROG.

O aspecto iterativo é expresso predominantemente por IMP. Os verbos momentâneos e a imperfectividade, aparentemente incompatíveis, combinam-se na expressão de passado imperfeito iterativo. Já os verbos específicos e de transição/processo são os únicos tipos que contabilizam, ainda que poucas, ocorrências de PPROG. Os casos de ambiguidade aspectual ocorrem em sua maioria com os verbos específicos.

Apesar de serem apenas descritivos, os resultados para o traço semântico-pragmático do verbo e a expressão do passado imperfeito ressaltam a influência do dinamismo do item lexical na escolha da forma para codificar a função. Os resquícios do histórico gramatical da forma PPROG, fortemente correlacionada ao valor aspectual de progressivo, ainda atuam na escolha/restricção de itens lexicais na expressão de passado imperfeito.

## Considerações finais

Observamos que, no caso dos conectores coordenativos *e*, *aí*, *daí* e *então* e da expressão do passado imperfeito, o controle dos *traços semântico-pragmáticos verbais* revelou-se bastante influente, trazendo importantes indícios acerca dos processos de gramaticalização nestes domínios funcionais complexos de natureza bastante distinta. No que diz respeito aos conectores coordenativos, os traços semântico-pragmáticos verbais mais concretos, ligados ao grau máximo de atividade física, são o contexto preferencial para o uso do *aí* e do *daí*. Por sua vez, o *e* predomina em contextos de traços semântico-pragmáticos verbais genéricos, *existência* e *estado*, ou àqueles ligados a ação física não intencional, *transitório não intencional* e *processo*. Finalmente, *então* tende a ter por escopo orações cujos verbos possuem preferencialmente os seguintes traços verbais: *atenuação*, *relacional*, *experimentação mental*, *atividade difusa* e *instância*.

Portanto, podemos apontar que a distribuição dos conectores consoante os traços verbais revela o possível percurso rumo à generalização e à abstração crescentes que vem sendo seguido por cada um deles. Assim, *e* aparece com mais frequência junto a verbos mais genéricos, *aí* destaca-se na introdução de orações cujo verbo principal apresenta traços mais concretos e *então* predomina em contextos de verbos mais abstratos, mais distante, portanto, de seu significado original, ligado a nuanças espaço-temporais. A única exceção é o *daí*, cujas fontes possuem significado mais abstrato, embora o conector receba maior relevo, atualmente, em orações capitaneadas por verbos de significado mais concreto.

No que diz respeito ao passado imperfeito, a distribuição dos traços semântico-pragmáticos do verbo elucidam efeitos da história de gramaticalização individual de cada uma das formas (IMP e PPROG), subsumidos ao princípio da persistência (HOPPER, 1991, p. 22): quando uma forma sofre gramaticalização passando de lexical a gramatical, alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. A persistência pode explicar a relação associativa entre PPROG e predicados [+ dinâmicos], mais evidente na comparação entre aspecto progressivo e PPROG, como vimos na tabela 3. Nas primeiras instâncias da trajetória de gramaticalização de PPROG, o verbo auxiliar trava relações com verbos que necessitem de abastecimento de energia, que expressem atividade em andamento, ou seja, verbos que já venham lexicalmente com o traço [+ dinâmico].

Esperamos que os resultados aqui descritos para os conectores coordenativos e para o passado imperfeito possam contribuir para o refinamento de propostas de classificação dos verbos em função dos traços semântico-pragmáticos, servindo como fator explanatório para fenômenos de gramaticalização, especialmente em domínios funcionais complexos.

### From concrete to abstract: the verbal semantic-pragmatic feature influence in grammaticalization of complex functional domains

**Abstract:** In this article, adopting a functionalist point of view, we approach the influence of semantic-pragmatic verbal traces under the usage of coordinative connectors E, AÍ, DAÍ and ENTÃO, and under the usage of imperfective past in Brazilian Portuguese. We made use of a speech sample which integrates VARSUL Data Base (South Brazil's Urban Linguistic Variation). As main results, we point that the statistic control of semantic-pragmatic verbal traces has brought important indices about grammaticalization process of the linguistic phenomena under study.

**Keywords:** semantic-pragmatic traces; connectors; imperfective past



## Bibliografia

BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the ‘perfective-telic confusion. In: C. Cechetto; G. Chierchia; M. T. Giusti (eds.). *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001, p. 177-210.

CAMPOS, O.; RODRIGUES, A.; GALEMBECK, P. T. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: A. Castilho; M. Basílio (orgs.). *Gramática do Português Falado: as abordagens*. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, vol. IV, 1993. p.35-78.

FREITAG, R. M. K. *A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança*. Florianópolis: UFSC, 2007. Tese de Doutorado.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: E. Traugott, B. Heine (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1. p. 17-35.

QUIRK, R. et al. *A grammar of contemporary English*. Longman, 1972.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. In: J. Bybee, P. Hopper (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90

SCHLESINGER, I. M. *Cognitive space and linguistic cCase*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis: UFSC, 2003. Tese de Doutorado.